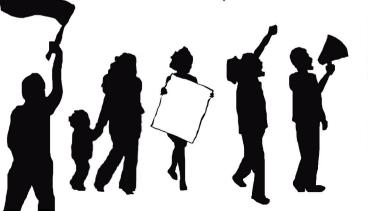
# RESISTIR ATÉ

o fim da discriminação Racial



# RESISTIR ATÉ O FIM DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL

QUE PRETAS E PRETOS SEJAM RESPEITADXS

QUE PENSAMENTOS DISCRIMINATÓRIOS NÃO

ENCONTREM ESPAÇO PARA NASCER NEM PARA ECOAR

QUE AS HISTÓRIAS DAS CAÇADAS SEJAM CONTADAS PELOS LEÕES E NÃO PELOS CAÇADORES

QUE SE VALORIZE A BELEZA NEGRA

QUE MEMÓRIAS AUSENTES SEJAM EDIFICADAS

QUE POSSAMOS RECONHECER UMA

OUTRA ESTÉTICA DO EXISTIR QUANDO A RESISTÊNCIA FOR CONSIDERADA ATO DE TRANSGRESSÃO

QUE TODOS OS MATERIAIS DE ENSINO E PESQUISA APRESENTEM UM CONHECIMENTO ONDE TODXS POSSAM SE CONHECER E SE RECONHECER

### © creative commons



#### VOCÊ TEM A LIBERDADE DE:

**Compartilhar** || Copiar, distribuir e transmitir a obra. SOB AS SEGUINTES CONDICÕES:

Atribuição || Você deve creditar a obra da forma especificada pelo autor ou licenciante (mas não de maneira que sugira que estes concedem qualquer aval a você ou ao seu uso da obra).

**Uso não comercial** || Você não pode usar esta obra para fins comerciais.

Compartilhamento pela mesma licença || Você poderá distribuir essa obra apenas sob a mesma licença ou sob uma licença similar à presente.

**Renúncia** || Qualquer das condições acima pode ser renunciada se você obtiver permissão do titular dos direitos autorais.

Organização: André Gravatá, Aline Oliveira & Daniel Ianae

Projeto gráfico e ilustrações: Rayssa Oliveira

Revisão: Elidia Novaes

### Textos por:

Elisabeth Belisário Jovens da Fundação Casa de Osasco Kiusam de Oliveira Luciara Ribeiro MC Everson Anderson Sheila Alice Gomes da Silva

#### **Apoiadores:**









RESISTIR ATÉ O FIM DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL	8	NUNCA É TARDE PARA VOLTAR E APANHAR AQUILO QUE FICOU PARA TRÁS	50
CARTA ÀS EDUCADORAS - PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	12	(POR SHEILA ALICE GOMES DA SILVA)	
QUE LIBERTAM: RESISTÊNCIA AO RACISMO	IZ.	alternation and a subspace of the subspace of	
(POR KIUSAM DE OLIVEIRA)		EXISTÊNCIAS E RESISTÊNCIAS: COMO A ARTE PODE CONTRIBUIR PARA O FIM DO RACISMO NA	60
CARTA À CASA GRANDE		EDUCAÇÃO (POR LUCIARA RIBEIRO)	
(POR JOVENS DA FUNDAÇÃO CASA DE OSASCO)	26	, '	
		AGRADECIMENTOS	70
ASSASSINATO (POR MC EVERSON ANDERSON)	34		·
RESISTIR É UMA PALAVRA QUE ESCUTO DESDE CRIANÇA (POR ELISABETH BELISÁRIO)	42		



# RESISTIR ATÉ

O FIM DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL

THY

Os livretos Resistir Até são uma iniciativa do Movimento Entusiasmo para ocuparmos os imaginários assim como ocupamos os espaços públicos, com vozes que se indignam, resistem, insistem, gritam, sussurram e brincam. As pessoas que escrevem nestas páginas foram escolhidas por se engajarem insistentemente na luta contra o racismo. Nossa intenção aqui é aprender com essas vozes.

Para além deste livreto sobre a resistência à discriminação racial, outros dois completam a coleção para abrir diálogos e relembrar espantos: resistência aos muros e resistência à opressão de gênero. Para baixá-los gratuitamente e acessar um material complementar também impregnado da força da resistência, que estará apenas online, basta acessar a página www.viradaeducacao.me

Resistir é dizer não para aquilo que nos diminui, nos machuca, nos mata, retira nossos direitos, nos sufoca, nos ignora. Resistir e educar são verbos que se potencializam quando perto um do outro. Convidemos um amigo para nossa conversa: o educador Paulo Freire conhecia a íntima relação entre educação e resistência, e isso se expressa, por exemplo, quando Freire reforça que denunciemos o modo como estamos vivendo e também anunciemos como poderíamos viver.

Os textos ao longo deste livreto denunciam e anunciam. São palavras de espanto diante da atual realidade partida. E também palavras de encanto, que respiram, fôlegos para nos nutrir.

São palavras sobre transgressão na educação, por Kiusam.

Sobre o racismo institucional, por jovens da Fundação Casa de Osasco.

Sobre o genocídio dos jovens negros, por MC Everson.

Sobre ocupar territórios com a cultura africana e afro-brasileira, por Beth.

Sobre ancestralidade e memórias, por Sheila.

Sobre recriar a história, por Luciara.

São palavras que não aceitam menos que uma mudança radical na maneira como a população negra é reconhecida.

Agradecemos imensamente as colaboradoras e colaboradores que compartilharam perspectivas, tragédias e esperanças nestas páginas. Esta publicação é de todas e todos que a compuseram e que a espalharem e superarem, para que papel e palavra se tornem corpos em ação.

Deixamos com você um desafio miúdo: mostre para pelo menos mais uma pessoa as palavras vivas desta série de livretos. E peça para esta pessoa compartilhar a descoberta com pelo menos mais alguém.

Assim sigamos nos aproximando mais,

André Gravatá, Aline Oliveira e Daniel Ianae Movimento Entusiasmo





## CARTA ÀS EDUCADORAS

PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS
QUE LIBERTAM:
RESISTÊNCIA
AO RACISMO

- KIUSAM DE OLIVEIRA -



Queridas colegas de profissão, como vão? Espero encontrá-las bem e encorajadas. Enfrentamos um período de grandes incertezas políticas, sociais e econômicas que afetam, inclusive, o campo educacional. Temos acompanhado as negociações pacíficas do povo Guarani com o Governo do Estado de São Paulo, porque "Jaraguá é Guarani", como disse meu amigo Daniel Munduruku. Temos acompanhado, na educação, o questionamento, deturpação e desmonte de princípios e valores educativos construídos por nós, numa manipulação política sórdida e com bandeiras religiosas, cujas consequências sempre recaem nos grupos oprimidos. Foi aí que comecei a pensar em como tenho tentado construir os fundamentos do que chamo de Pedagogia da

Ancestralidade<sup>[1]</sup>, e também sobre as práticas pedagógicas positivas a partir das educadoras que tive em meu processo de escolarização, e que fizeram (e fazem) toda a diferença em minha vida. Uma característica marcante delas era a forma nada convencional com que davam suas aulas: competente, ousada, positiva e alegre. Outra característica era a capacidade que tinham de fortalecer seus grupos de estudantes em dificuldade escolar e/ou acadêmica. Outra característica fundamental era que olhavam em meus olhos e eu sentia que não precisava mentir ou buscar desculpas para justificar alguma situação. Tais educadoras me arrebataram, mostrando que apesar de eu viver no fio da navalha por vivenciar inúmeras situações racistas vindas de estudantes e daquelas que deveriam nos educar, eu poderia mudar a minha história, transformar a minha vida e ir muito além do que eu imaginava ou do que uma maioria de professoras havia determinado para mim: o fracasso escolar.

Foi quando me lembrei de uma fala do Prof. Dr. António Nóvoa: "Devemos ensinar tudo o que nos liberta". Ao ouvi-lo, tive um *insight*:

O racismo nos aprisiona e, sendo assim, práticas de combate ao racismo dentro das salas de aula só podem estar pautadas nos direitos humanos e na liberdade de negros e não-negros. Combater o racismo, portanto, nos libertará.

E tal pensamento foi capaz de fortalecer, ainda mais, as lutas que eu travava naquele momento em sala de aula e como gestora na Secretaria Municipal de Educação, em Diadema, São Paulo. Acho importante que saibam sobre um livro que acabei de ler, de Bell Hooks<sup>[2]</sup>, indicado por uma estudante potente da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Tamyres Batista Costa. O trecho que destaco afirma: "A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir.

Isso é a educação como prática da liberdade". Apesar de pensar que a palavra camarada não tenha caído bem na frase de Bell, pois me faz lembrar de Hitler e seus camaradas assassinando milhares de pessoas, esse é o ponto em que quero pautar meus pensamentos com vocês: sala de aula como ambiente de possibilidades. Educadoras! Existe, sim, a necessidade de refletir sobre as relações étnico-raciais no Brasil e sobre como elas se dão nos espaços escola e sala de aula, porque vivemos num país cujas pessoas brancas são condicionadas a se tornar racistas, mas, ainda que saibam disso, buscam esconder seus pensamentos e práticas discriminatórias com posturas e discursos hipócritas que negam a opressão racial de brancos sobre negros.

Os conceitos de branquitude e branquidade precisam ser devidamente estudados por aquelas educadoras que se dizem brancas, a fim de compreender as estratégias frequentemente usadas para que continuem em situação de privilégio no Brasil, mesmo sendo minoria em termos quantitativos. **Educadoras!** Enfrentar tal questão torna-se fundamental, por conta

do perigo que o próprio ser branco cria ao não assumir de frente o medo que sente de perder os privilégios há séculos em suas mãos, mesmo à base de muitas injustiças sociais, delitos e crimes cometidos contra a maioria da população brasileira, que é negra. Sim, a "patologia branca no Brasil", como afirmou Guerreiro Ramos<sup>[3]</sup>, é real. Fundamental pensar que o fato de a pessoa branca admitir que "tem o pé na cozinha" como forma de declarar que é impossível ser racista, em nada modifica o seu poder e status de branca idealizada e privilegiada na sociedade brasileira. A pessoa branca tem feito qualquer coisa para se manter em lugar privilegiado em nossa sociedade, até mesmo se afirmar preta para acessar vagas públicas através de cotas raciais, ao se pautar na ascendência negra. E aí vale questionar a autodeclaração de que uma pessoa branca com uma bisavó negra se encontra em situação de desvantagem social concreta, sofrendo racismo.

Educadoras negras, entendam uma coisa: vocês são adultas e está na hora de enfrentar seus traumas e medos após anos ouvindo xingamentos diretamente sobre sua cor de pele.

É preciso não desistir de mostrar as competências e habilidades que seus superiores insistem em ocultar. Vocês valem muito. Lembrem-se que, no presente, vocês estão protegidas, pois em tempo de redes sociais tão potentes, só fica só quem realmente desejaisso. É hora de combater o racismo porque, na ponta de todo o processo educativo, há uma ou um estudante negro necessitando se empoderar, e um estudante branco precisando aprender a enfrentar a educação racista que recebe nos espaços sociais que frequenta. Educadoras negras e brancas, podem perguntar: Mas como fazer isso? E eu respondo: Por três formas:

- a) aceitando que o racismo existe;
- b) descobrindo onde você o guarda;
- c) combatendo-o através de práticas pedagógicas que foquem o empoderamento da população escolar negra.

**Educadoras!** Não tenham medo das consequências de fazer o que deve ser feito (porque o que deve ser feito está respaldado por inúmeras leis), uma

vez que dentro da lógica racista de sociedade, quem tenta questionar tal estrutura é considerada transgressora (Bell Hooks). E se ser considerada transgressora estiver diretamente ligada a práticas para a liberdade em sala de aula no combate ao racismo, então, que assim seja: abaixo a estrutura colonialista que, mesmo após 500 anos de dominação, perdura na educação através do privilégio epistemológico dos pesquisadores homens, brancos, elitistas e referenciais teóricos eurocentrados, que ditam o que deve ou não deve ser priorizado na educação brasileira.

Numa sala de aula em que as educadoras entendam tal espaço como útero que pulsa vida e proporciona condições para que as/os estudantes superem sempre suas próprias expectativas com relação à aquisição, potência, troca de conhecimentos e alimentos para a alma, e que ao mesmo tempo as educadoras se coloquem como ensinantes-aprendizes, a *Literatura Negra do Encantamento* e adultas e adultos, negras e negros revisitem seus corpos e corporeidades, se autoafirmando negras/os e belas/os. É uma literatura afrorreferenciada

que traz imagens belíssimas das/dos personagens negras/os. Além disso, o texto retrata situações racistas reais, com respostas e atitudes proativas de personagens negras/os, dando pistas da necessidade (e possibilidades) de e para o enfrentamento do racismo. Nessa literatura, a resistência aparece explícita, "assumindo o poder de provocar rupturas de um imaginário branco e linear, que desconsidera os problemas e tensões raciais existentes no país" (Kiusam de Oliveira).

O fundamental: esse tipo de literatura precisa trazer caminhos para que as suturas psíquicas possam ocorrer naquelas e naqueles que constantemente sofrem o racismo. Portanto, a linguagem e a forma precisam ser minuciosamente selecionadas para que consigam capturar as lembranças das pessoas negras e brancas de forma arrebatadora, trazendo à tona, talvez, suas "memórias subterrâneas" (Maurice Halbwachs)<sup>[5]</sup> sobre como os ensinamentos racistas lhes foram transmitidos no seio das próprias famílias, como continuam a reproduzir tudo o que lhes foi ensinado e como negras e negros passam a acreditar em todo esse jogo de posturas, ações,

palavras e silêncio. Sim, a memória e a experiência, para mim, são estratégias eficazes, capazes de aumentar a frente de nossas lutas pela busca de um país mais equânime. **Educadoras**, por fim, eu preciso lhes dizer que só me entendo sendo na educação, porque resisto e costumo dizer que estou aqui para incomodá-las e não para fazer com que se sintam cômodas perto de mim, porque a caminhada é longa e meu objetivo é construir um mundo onde as crianças negras possam ser crianças, sem ter de lidar com a exclusão pela cor de sua pele logo aos 4 anos de idade nas escolas brasileiras.

Preciso de aliadas. E assim, despeço-me de vocês com o abraço apertado de sempre, dizendo que continuo contando com cada uma de vocês nesta luta. Resistamos juntas, enfrentando nossos medos, porque da nossa consciência e maturidade dependerá o bem-estar de crianças, jovens e adultos que estão em nossas salas de aula, bem como o bem-estar de nosso país.

- QUE OS ESPAÇOS DE NOSSAS SALAS DE AULA SEJAM REVISITADOS POR NÓS COMO ESPAÇOS DE RESISTÊNCIAS, SUTURAS PSÍQUICAS E DE POSSIBILIDADES.

- (1) Pautada nos conhecimentos ancestrais africanos de valorização e potencialização no respeito ao ser humano e na vida em comunidade. Pensada a partir de minhas práticas pedagógicas há mais de 20 anos no magistério, além de minhas práticas artístico-pedagógicas, desenvolvendo trabalho focado em ações afrocentradas que partem do corpo e corporeidade como territórios que precisam ser explorados pela dança, canto, conto, música, jogos, brincadeiras etc., pois o conhecimento se dá de corpo inteiro.
- (2) Bell Hooks, uma das feministas de referência para nós, mulheres negras no Brasil. Também é educadora universitária há mais de 20 anos e tem um livro incrível chamado "Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade". Ela pauta toda a sua prática em Paulo Freire e dedica um capítulo a ele, pois se conheciam e trocavam figurinhas.
- (3) Guerreiro Ramos, homem forte, propôs uma ciência social brasileira em seu livro "Introdução Crítica à Sociologia Brasileira" de forma contundente. Vale a pena ler.
- (4) Termo proposto por mim a partir dos textos literários que tenho produzido em meus livros, como "Omo-Obá: histórias de princesas" (Mazza, 2009), "O Mundo no Black Power de Tayó" (Mazza, 2013) e "O Mar que banha a Ilha de Goré" (Peirópolis, 2015), todos premiados e selecionados por programas de diversas escolas e secretarias de educação e cultura. Recebo inúmeros depoimentos de pessoas que

fortaleceram suas identidades negras (ou viram suas filhas, afilhadas, estudantes se fortalecendo) a partir destas histórias.

(5) Pesquisador que discute memórias individuais, coletivas e subterrâneas.





Artista multimídia, arte-educadora, escritora, professora universitária, iyalorixá. Recentemente, uma biblioteca que existia há 84 anos sem nome, recebeu o nome de Kiusam de Oliveira, em Porto Alegre, num movimento de bibliotecárias e estudantes da Escola La Salle Pão dos Pobres. Considero-me uma transgressora que tenta levar a temática das relações étnico-raciais à sala de aula de várias formas e junto à formação de professoras de todo o país.



# CARTA À CASA GRANDE

- JOVENS DA FUNDAÇÃO CASA DE OSASCO -



Brasil, o país da democracia racial? Isto é lenda, mito ou só mais uma forma de varrer seu racismo para debaixo do tapete? Afinal, crer nesta falsa democracia racial nos libera da obrigação de agir contra o racismo, mas ele existe, está aí para quem quiser ver e para aqueles que insistem em não enxergar!

Você deve estar pensando que hoje o racismo não é tão forte, mas só se for para você, porque os pretos sentem, e muito.

Ah, mas somos todos iguais – fácil para você falar, já que conhece essa tal igualdade, nós negros ainda queremos conhecer. Não sei se você sabe, mas estamos tentando resgatar nossa história, nossa raiz, a identidade negra que a todo tempo nos foi negada. O Dia Nacional da Consciência Negra é nossa resistência à essa tal "consciência humana", categoria à qual não pertencemos!

Desumanizaram meu povo, transformaram negros africanos em coisas, demonizaram nossa cultura, nossa religião, nossa pele e nossa alma, colocaram uns contra os outros.

Moreno, pardo, marrom, quantos tons vão nos impor para negar nossa negritude? Sim, sou negro! Está assustado com meu orgulho? Não viu nada, espere até você descobrir que estamos conhecendo nossa verdadeira história, já que até isto tentaram embranquecer.

Há quanto tempo estão tentando nos embranquecer? Pois é. Não, eu não quero ter o seu padrão de beleza, não vamos mais deixar que nos obriguem a esticar nossos cabelos com ferro e afinar nossos narizes, não vamos mais deixar que nossas crianças tenham vergonha de sua cor a ponto de se esfregar no banho para clarear a pele, não vamos mais deixar que banalizem nossas crenças, não vamos mais deixar nossa história ser invisível. Não seremos mais invisíveis. Ei, só para lembrar, meu cabelo é DNA, não é moda. Moda passa, meu DNA fica. *Dread* no branco é estiloso, no negro é sujo, com o acúmulo de vagabundo.

Parem, apenas parem de roubar nossa identidade! Hoje se apropriam de nossa cultura, roubam nossos símbolos sagrados, nossa música, nossa dança, nossas vestimentas, e nos devolvem como mero produto comercial, tendência passageira. Não estamos de passagem, vamos resistir. Nosso resgate não será estética por estética, será político e social, será pleno.

E como anda o racismo institucional? Muito bem, obrigado. Pare e pense. Cerca de 54% da população brasileira é negra, em sua maioria de classes baixas. E olha que interessante: os direitos básicos como educação, saúde, saneamento básico e segurança oferecidos a esta população são os mais precários. E, sim, a mentalidade racista do nosso país tem influência sobre isto!

Hoje nosso navio negreiro é o camburão, nossas senzalas são os presídios e nossos quilombos as favelas. O Brasil tem a quarta maior população carcerária do mundo, sendo que mais de 60% desta população é negra. Quando andamos no shopping, somos seguidos pelos seguranças. Pessoas atravessam a rua quando avistam um

homem negro, jásupõem que é um assalto. Na porta giratória do banco, a desconfiança, ou melhor, a certeza de que estamos armados. Enquanto o garoto branco aprende os seus direitos, o negro aprende a se portar diante de uma batida policial: "não faça movimentos bruscos, não tente tirar a carteira do bolso, vão pensar que é uma arma e vão atirar". Estamos virando estatística, saímos de casa como João, Leandro, Vítor e podemos voltar como mais um número, vítima do genocídio negro.

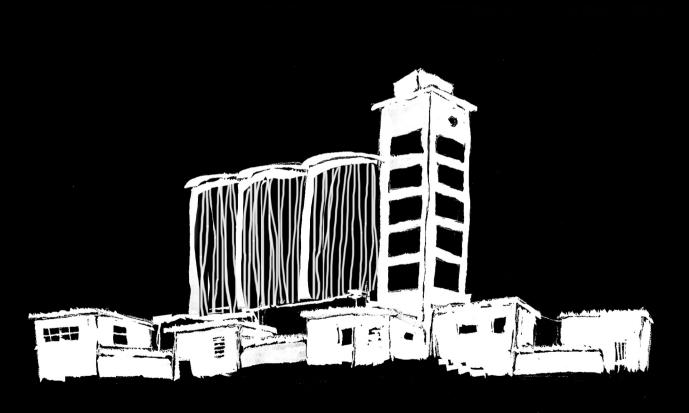


a Senzala aprendeu muito mais que ler. Sim, vamos ocupar tudo, todos os lugares, nas faculdades, no poder judiciário, na política, nos hospitais, no mundo. E não vamos nos calar, já passou o tempo de nos esconder, camuflar nossa dor, não abaixamos nossa cabeça; afinal, a realeza não se curva. Ao contrário do que pensam, não somos descendentes de escravos, mas de humanos escravizados.

Sim, meus caros, o racismo existe e, sim, nossa sociedade está pautada também no pilar do racismo. Reconhecer sua existência é o primeiro passo para acabar com ele!



O texto acima nasceu entre 2015 e 2016, escrito por jovens da Fundação Casa de Osasco. Essas reflexões foram coletadas por Ane Sarinara, professora de história dos jovens, que abordava o tema do preconceito racial, entre outros, por meio do rap, poemas e músicas, com a intenção de valorizar o olhar dos alunos sobre si mesmos e suas realidades. Essa carta, na época, foi apresentada para o juizado, representantes de direitos humanos e familiares. Os nomes dos jovens não serão revelados à pedido da educadora, para preservá-los.



### ASSASSINATO

- MC EVERSON ANDERSON-



EXTRA EXTRA EXTRA EXTRA mais um jovem é morto pela polícia na favela EXTRA EXTRA EXTRA mais um jovem é morto pela polícia na favela

Em plena manhã, rua principal, viela estreita.
Boinas, fardas, características de quem tem opiniões próprias distorcidas sobre atitudes suspeitas.

Vêm com a ideia de paz através de guerra, visão de direita. Nos olhos da população jogam terra e agem na espreita. Helicópteros, armamento pesado. Caos, meu povo assustado. Sem Halls preto nem peito aliviado. Vítima do gueto, mais um preto assassinado.

Mais uma vez acontece na periferia. Lágrimas correm no rosto da família, risos soam da burguesia.

Dane-se se foi ou se ao menos ia. Terra onde foda-se o que você é, o que importa é o que parecia.

E era sim um adolescente. Que estava em efeito de entorpecente.

Não trocávamos muitas ideias, mas a quebrada sente. O pior que foi morto, inocente.

Segundo os "protetores da pátria amada", foi consequência de um tiroteio. Mas até agora ninguém mostrou de onde o suposto tiro que ele efetuou veio. Não tem prova, flagrante e nem certeza. "Ele tem culpa!" - É uma ova! Isso é frase feita de quem mata com frieza.

Sacô o que meu povo atura?
Vamos rezar para que o martelinho
do tribunal bata tão forte
quanto bateram nele durante a tortura.

Mas o nosso país é bagunçado, raro acontecer, mas luto. Até não prevalecer confirmações de quebradas em luto.

Agora diz! Olha só o mlk de 17 com o coração ranzinza. Descobri de onde veio a ideia para o projeto Cidade Linda, até combina, pois as "autoridades" que mataram o Chiclete também têm tons de cinza.

Curtiu? Vai lá, abraça. E pra ficar mais bonito e combinar com a cor da nossa cidade, as pessoas que a partir de hoje forem mortas vão ser apelidadas de fumaça. São fatos explícitos, só que debaixo do tapete perante ação gravada. No jornal dizem o que pensam, mídia comprada.

Imaginam situações, chegam a conclusões deselegantes. Na tremenda cara de pau, fazem papo de pessoas sérias virar papo de comediante.

Não entende ainda o receio que tenho de ser enquadrado?

O sentimento é de incerteza: se vou pra casa com vida ou encaixotado.

Pois não depende se estou devendo ou não tenho nada.

Depende se eles estão sóbrios e se vão com a sua cara.

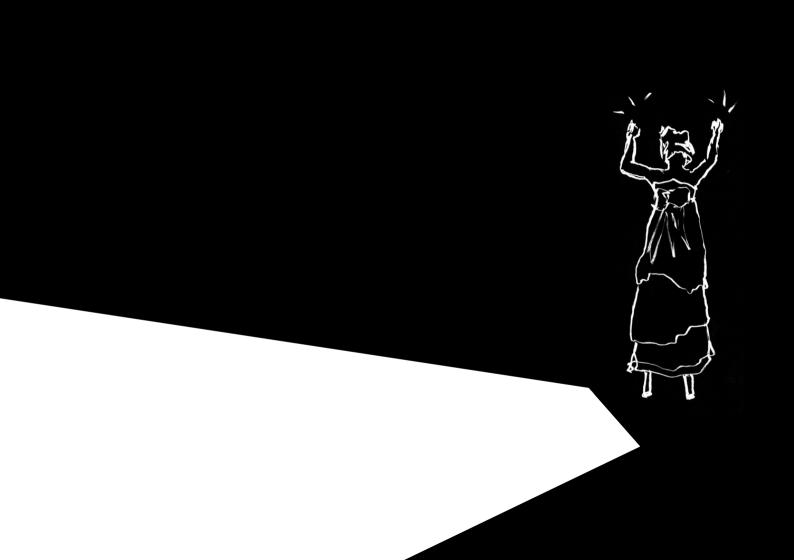
Todas essas fitas fazem com que eu fique ligeiro, maninho. São fatos de todas FAVELAS do Brasil, recentemente aconteceu no Moinho. Na quebrada onde vivo, há muito tempo me divirto, ando. E hoje se encontra em luto por causa da polícia, que matou o eterno Leandro.

(No Youtube, você também encontra esses versos de protesto, declamados pelo MC Everson pouco depois do assassinato de Leandro de Souza Santos.)



Nasci em Mauá, ultimamente estou morando na Favela do Moinho, a última favela do centro. Sou negro, periférico, de uma família humilde. A arte hoje faz parte do meu crescimento como pessoa e cidadão. Descobri meu lado artístico e pela arte expresso o quanto é foda sofrer preconceito por morar em um determinado lugar, pela cor da pele e pelo jeito de se vestir.

40 41  $\frac{1}{2}$ 





RESISTIR
É UMA
PALAVRA
QUE ESCUTO
DESDE CRIANÇA

- ELISABETH BELISÁRIO -

Resistir é uma palavra que escuto desde criança. Sou de uma família majoritariamente negra, nasci num dos bairros mais negros de São Paulo – Brasilândia, e ali me criei e aprendi sobre o que é ser mulher negra nesta sociedade racista e preconceituosa. Mas foi nesse lugar onde nasci que também me fortaleci e saí para minhas lutas! Aos 17 anos fui convidada para participar de uma banda afro, nos anos 90, tempos que tocar tambor ou ecoar cantos afro-brasileiros era coisa ruim, de gente preta... Vinte anos depois, e ainda essa visão branca e elitizada dizendo a mesma coisa.

O que mudou? Nada? Mudou sim, e graças aos movimentos negros, movimentos de mulheres negras neste país e às lutas diárias por lugares mais igualitários em todos os sentidos da vida.

Mesmo as lutas ganhando visibilidade mundial, ainda temos como base da nossa educação os

ensinamentos colonizados e racistas das salas de aulas. Muitas vezes minha professora de história falava da libertação dos escravizados de forma naturalizada. E quando se referia à tal princesa Isabel que libertou meus antepassados, enchia a boca para falar da falsa libertação; que mentira. A postura dessa professora me marcou muito e, como arte-educadora, presencio ainda hoje professoras(es) com a mesma postura, com os mesmos dizeres. As formadoras(es) devem saber lidar com situações racistas, devem saber mediar conflitos acerca de questões raciais. Penso que, assim, poderemos mudar quinhentos anos; a educação tem por obrigação contar a verdadeira história do povo negro e incluir urgentemente a história dos povos indígenas, reais donos desta terra chamada Brasil

Trabalho com arte e educação há 23 anos. Nessas andanças, conduzo o bloco Ilú Obá de Min – Educação, Cultura e Arte Negra, que completa 13 anos em novembro de 2017. O bloco é formado, dirigido e executado por mulheres.

Na área da educação, a instituição Ilú Obá De Min realiza o projeto Ilú Na Mesa, ciclo de palestras e debates que reúne membros da organização e da sociedade em torno de reflexões e experiências trazidas por convidadas especiais, como mulheres negras ativistas, escritoras negras e mulheres negras que trabalham na área da educação. O objetivo principal é, a partir destas práticas, apontar maneiras de eliminar o racismo, o sexismo e todas as formas de discriminação no Brasil, Foram realizadas 21 mesas desde 2004. com a participação de grandes nomes, referências nas áreas da educação, política, saúde e cultura do país. A segunda ação se intitula Tenda Lúdica, voltada para o público infantil e pedagogas(os) interessadas(os) em trabalhar com a Lei nº 10639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) para incluir a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas. O projeto consiste em uma grande tenda que oferece, simultaneamente, aulas de percussão, contação de histórias, jogos africanos, confecção de bonecas pretas e biblioteca com literatura infantil que valoriza a diversidade étnico-racial.

Nós, educadoras(es), e toda a sociedade temos o dever de conhecer e reconhecer a África como o berço da humanidade, de divulgar as riquezas

do continente africano para o mundo! Separarnos foi a ação mais cruel imposta pelos europeus ao povo africano, pois separando eles puderam dominar. Mesmo assim, resistimos e resistiremos.

O Ilú Obá De Min também ocupa os territórios do centro de São Paulo, com o projeto Bloco Afro Ilú Obá De Min, que se destina a divulgar as tradições percussivas, musicais e coreográficas africanas e afro-brasileiras em oficinas de rua para mulheres. É um trabalho de formação e multiplicação, que tem seu ápice na saída do Ilú. Cerca de 340 mulheres participam das atividades gratuitas na Praça do Patriarca e no Vale do Anhangabaú - centro da cidade de São Paulo. Entendemos territórios como lugares férteis para ser utilizados e ocupados por todas(os) nós! Por esse motivo, há 9 anos o Ilú Obá De Min realiza essa ocupação com seus temas - Rainha Nzinga, Carolina Maria de Jesus, Raquel Trindade e Elza Soares, mulheres que de alguma forma mudaram o país com suas vozes, escritas e discursos que ecoam pelos quatros cantos do mundo.

Há muitas ações e formas de combater o racismo, o preconceito racial e quebrar os muros que nos dividem, nos cercam e nos sufocam.

Primeiramente, rever a historia real do povo africano e afro-brasileiro é uma forma. Denunciar o racismo e discriminação é outra forma. Respeitar uma criança ou um adulto negro é outra forma. Criar reflexões em salas de aulas sobre os povos indígenas e afro-brasileiros pode ser outra forma muito potente e igualitária.

Os modos podem ser diversos, mas a prática é a grande mudança e ela deve começar com você, dentro de você. Se conseguirmos realizar as mudanças nas bases educacionais, um dia poderemos ver um Brasil mais igualitário e fértil para todas(os), principalmente para o povo negro, que sofre há mais de 125 anos, ainda depois da falsa libertação.



Resgatar e ressaltar a importância das tradições africanas e afrobrasileiras são a raiz do caminho de Beth, que em 2004 fundou e hoje atua como diretora artística da Organização Ilú Obá De Min – Educação, Cultura e Arte Negra. Quando o bloco Ilú Obá De Min, que significa "mãos femininas que tocam tambor para Xangô", ocupa os espaços públicos, o que acontece é uma afirmação estrondosa e generosa da arte como fundamental na luta contra o racismo, o sexismo e outras discriminações.



NUNCA É TARDE PARA VOLTAR E APANHAR AQUILO QUE FICOU PARA TRÁS

- SHEILA ALICE GOMES DA SILVA -



Os carros voam no chão, barcos velejam em um infomar seguindo estrelas, laranjas não amadurecem lentas sob o sol, crianças crescidas decodificam signos carentes de sentidos e significados, há tanta relatividade entre o sim e o não... Tempos voláteis estes. Exclamam profundidade, cheiros, sensações, histórias, experiências vividas. Neste presente-futuro, memórias são brechas, respiros, conexões. Precisamos de chão, estrelas, do sol, mesmo que nossos olhos vejam tudo em *chroma-key*. O sujeito precisa pertencer, existir em histórias, em livros, na sala de aula, nas ruas, nos muros, acessar memórias.

Memórias podem ser como árvores plantadas em calçadas fissuradas oferecendo sombra, flores e frutos aos urbanoides. Elas atrapalham o trânsito, desarrumam, tiram da ordem, não compõem a norma, se impõem frondosas. Como árvores, memórias provocam saudosismos, olhos vidrados, sorrisos entreabertos. Reconhecendo que o fundamento não é uno, mas plural, suas raízes são rizomáticas e se irrigam em águas profundas, trazendo à vida diversas formas de conhecimentos, a heterogeneidade, os diálogos entre si dentro de contextos históricos e sociais múltiplos.

Os territórios das cidades estão encharcados de memórias. Aquelas reconhecidas e celebradas em hercúleos monumentos, nos ainda chamados centros urbanos, numa intencionalidade de construir a consagração da história única – hegemônica. Ou outras, que se quiseram alocar exclusivamente em territórios periféricos e foram alijadas do discurso dominante de repertório avassalador que foi encapsulando, obliterando e produzindo o enquadramento das narrativas extraocidentais, além de ocultamentos memoriais. Mesmo assim, foram capazes de resistir ao aniquilamento, aos processos de desmemória

engendrados por um sistema elitizado e embranquecedor da cultura, da cidade e de suas memórias, ditas oficiais.

Essas memórias em luta são memórias negras que têm persistido e resistido para além de territórios segregados, borrando fronteiras, reafirmando outra estética do existir, fortificada na ancestralidade, em filosofias africanas, na vida comunitária que só reconhece a minha existência se ligada à sua: "eu existo porque existimos", reiterando a humanidade e a importância dos relacionamentos. Somos provocados a pensar o sujeito desde dentro, sem hierarquizar saberes, para constituir um processo educativo que confronta epistemologias impostas, reconhecendo protagonismos cotidianos dos chamados populares. Buscando encontrar no miúdo, no que parece desimportante e em micro-conjunturas respostas muito precisas a questões complexas da existência.

Rememorar oportuniza perceber ligações entre os "eus" que se dão em intersecção, não é a minha história ou a sua, são as nossas histórias, "a energia

de cada um e de todos vem da comunidade, e aquele que a fortalece também se torna forte"[1]. As histórias de seus avós, pais, tios e tias, histórias de antes de nascer, histórias que fundamentam, dão sentido e fortificam a existência presente.

O cabelo negro é o menos tocado e o mais apelidado, as relações são embrutecidas, causam dor. O corpo negro produz significado, é arquivo vivo da memória. A experiência de ser um corpo mal visto, maltratado, numa sociedade que o exclui e ignora provoca deformação nesses sujeitos. As vivências de uma cultura tão demonizada, não reconhecida, provocam questionamentos diretos: De quem é o poder na construção das narrativas sobre o passado? Que significados são lembrados? Quais são esquecidos?

ENTÃO, A MEMÓRIA — A EXPERIÊNCIA VIVIDA — E A ANCESTRALIDADE PODEM SIM FORTIFICAR SUJEITOS TÃO DILACERADOS PELO RACISMO. SE FAZ URGENTE QUE NOSSOS PROCESSOS EDUCATIVOS RECONHEÇAM E INCORPOREM EM SEUS CURRÍCULOS, PROGRAMAS E PRÁTICAS, MEMÓRIAS ANCESTRAIS, MEMÓRIAS AFETIVAS, REPRESENTATIVAS, CHEIAS DE AFETOS, BELEZAS E PROTAGONISMOS NEGROS.

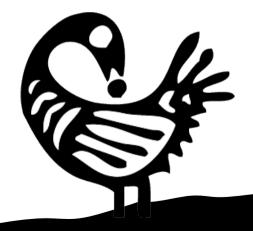
Como uma ave que voa para a frente com a cabeça para trás e carregando no seu bico um ovo - o futuro, ideograma Adinkra<sup>[2]</sup>, Sankofa, que significa "não é tabu voltar para trás e recuperar o que você perdeu" ou "nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou atrás", é um convite ao eterno retorno. Na filosofia africana, é voltar para ressignificar, para aprender. Se achegar às raízes para potencializar o avanço. Acessar memórias muito maiores que a dor, que nos cingem para o combate ao racismo. A hierarquização de saberes nos proporciona aumento de autoestima no reconhecimento da beleza dos olhos, a poesia do corpo, as histórias dos trançados dos cabelos, o êxtase dos lábios grossos, do heroísmo de nossas fortes mulheres negras, a sagacidade de nossos homens negros, para que conheçamos e nos reconheçamos como seres que não são, mas estão sendo.

- (1) SILVA, Petronilha B. G. Entre Brasil e África: construindo conhecimento e militância. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.
- (2) Adinkra é um sistema de escrita filosófico, histórico e

cultural. Uma linguagem de ideogramas impressos que representam provérbios e aforismos constituidores de um código do conhecimento referente às crenças, princípios e as histórias das populações de língua Akan, espalhadas pela África. Refletem um sistema de valores humanos universais, como: integridade, harmonia, determinação, família, entre outros. Existem centenas de símbolos que são transmitidos de geração em geração, demarcando sua origem ancestral.

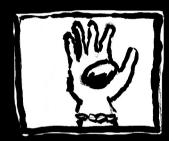


Mulher negra, da periferia leste da cidade de São Paulo. Cresci acreditando que meu cabelo era ruim, que meu corpo gordo era feio e minha pele preta era suja, exalava mau cheiro. À medida que fui estudando e descobrindo as histórias e memórias dos meus ancestrais, percebi que todos os apelidos pelos quais fui chamada buscavam me inferiorizar e me convencer que ser negra é ruim. Dediquei-me no mestrado em História a entender e evidenciar a territorialidade negra do bairro de Guaianases, a partir das memórias vivas em negros sujeitos moradores. Tudo isso tem fortalecido o meu discurso a cada dia, assim eu me empodero, falo, danço, uso biquíni, solto meu black, posso ser quem eu sou, linda!





ROSANA PAULINO



MOISES PATRICIO





TIAGO GUALBERTO

SIDNEY AMARAL

## EXISTÊNCIAS E RESISTÊNCIAS:

COMO A ARTE
PODE CONTRIBUIR
PARA O FIM
DO RACISMO
NA EDUCAÇÃO

- LUCIARA RIBEIRO -



Dentro do campo das artes podemos apontar diversos aspectos e facetas da presença do racismo. Por exemplo, o fato de a maioria dos livros didáticos e materiais de artes ainda partir de visões e olhares narrativos e estéticos eurocêntricos. Basta pensarmos no que aprendemos na escola sobre as produções artísticas indígenas e africanas. Qual o lugar ocupado por essas produções no currículo escolar e nos materiais didáticos?

É comum professores de arte falarem das produções africanas apenas ao apresentarem as produções de Picasso e outros modernistas europeus. As produções artísticas africanas são mais do que algumas máscaras encontradas nos museus europeus. É preciso apresentar as Artes Africanas não como um anexo temporal das Artes Europeias, e sim buscar ensinar sua História

da Arte. Esquecemos, por exemplo, que o Egito está na África e que as produções egípcias da antiguidade também foram importantes para o desenvolvimento das variadas formas e produções artísticas no continente africano. Esquecemos também que no Brasil há centenas de sociedades indígenas com produções artísticas diversas e complexas.

As histórias, as estéticas, as produções e os pensamentos artísticos e culturais das populações não-ocidentais sempre estiveram presentes na história da humanidade, e cabe a nós, educadores, ampliar e promover a mudança desse olhar. Como fazer isso? Como resistir ao preconceito racial por meio da arte e da educação? O que podemos fazer?

Não há uma fórmula para solucionar um problema tão complexo. Porém, há caminhos e ações que podemos promover para a diminuição do racismo na arte-educação, como apresentar novas realidades fora dos estereótipos consolidados sobre populações que foram marginalizadas ao longo da história e nos estudos de arte; apresentar novas narrativas discursivas; reformular a história oficial da arte; atentar para o vocabulário utilizado. É extremamente importante observar o que se diz e como se diz, por exemplo usar palavras como "a coisa está preta" em referência a algo ruim, ou as palavras negro/negra como adjetivo negativo: "ovelha negra", "lista negra", "magia negra", "mercado negro", etc. Apresentar protagonismos indígenas, negros, latino-americanos, africanos, entre outros, para potencializar a representatividade dessas pessoas e seus descendentes. Apresentar as artes africanas, afro-brasileiras e indígenas em datas além do 20 de novembro e do 19 de abril.

Os anos de trabalho no núcleo de educação do Museu Afro Brasil me fizeram ter uma visão mais ampla das tensões entre arte, educação e racismo. No museu, conheci pessoas que apresentaram possíveis caminhos na busca de um mundo menos racista. Primeiramente, enquanto arteeducadores, nós precisamos entender de onde partem nossos pensamentos; analisar como se deu a própria formação educacional, social, etc. Perceber-se como educador comprometido com

a educação e a igualdade é também entender seus privilégios, limitações e o poder que eles representam em nossa sociedade. A mudança de postura frente aos debates raciais, o interesse em buscar conteúdos mais aprofundados, em apresentar narrativas divergentes do que é contado pela história oficial são urgências. É preciso buscar reformular as histórias das artes. É preciso recriar a história a partir do olhar afro indígena brasileiro.

### PARA CONHECER ARTISTAS AFRICANOS E AFRO-BRASILEIROS:

Alguns artistas afro-brasileiros do barroco: José Teófilo de Jesus Frei Jesuíno do Monte Carmelo Mestre Valentim Antônio Francisco Lisboa (Aleijadinho)

> Alguns artistas afro-brasileiros acadêmicos: Arthur Timótheo da Costa Emmanuel Zamor Benedito José de Andrade Benedito José Tobias Esteban Roberto

Alguns artistas afro-brasileiros modernistas: Octávio Araújo Heitor dos Prazeres Mestre Didi Rubem Valentim Wilson Tibério Agnaldo dos Santos Mário Cravo Neto

Alguns artistas afro-brasileiros contemporâneos: Sidney Amaral Tiago Gualberto Rosana Paulino Moisés Patrício Paulo Nazareth Ayrson Heráclito Dalton Paula Renata Felinto Aline Motta Lidia Lisboa Leandro Muniz Leandro Mendes Edson Ikê



Alguns artistas africanos contemporâneos: Nástio Mosquito (Angola) Yinka Shonibare (Nigéria) El Anatsui (Gana) Bright Ugochukwu Eke (Nigéria) Naomi Wanjiku Gakunga (Quênia) Nnenna Okore (Nigéria) Dominique Zinkpè (Benim) Owusu-Ankomah (Gana) Soly Cissé (Senegal) Ablade Glover (Gana) Kiluanji Kia Henda (Angola)

Yonamine (Angola)



Alguns curadores afro-brasileiros: Emanoel Araújo Claudinei Roberto Thiago de Paula

Alguns cineastas afro-brasileiros: Ieferson Dé Viviane Ferreira Renata Martins





LUCIARA RIBEIRO

A relação entre arte e educação tem sido muito presente na minha vida. Formada em História da Arte, desenvolvo pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo e sou bolsista da Fundación Carolina no Máster en Estudios Avanzados em Historia del Arte da Universidade de Salamanca. Atuo e trabalho há cerca de sete anos com arte-educação em espaços museológicos e culturais de São Paulo. Atualmente, faço parte do Núcleo de Educação do Museu Afro Brasil, instituição voltada para a pesquisa, ensino e exposição de histórias e memórias das culturas afro-brasileiras e africanas.

Agradecimentos especiais às queridas Rayssa Oliveira e Elidia Novaes, que generosamente e criativamente cuidaram destes livretos.

Agradecimentos para todas(os) que contribuíram com suas palavras aqui, já mencionadas(os) no início do livreto, e para Ane Sarinara e Naime Silva, que nos aproximaram de vozes que transbordam vivacidade nestas páginas.

Outras pessoas próximas também nos apoiaram para cultivar esse terreno: Serena Labate, Renata Martins e Vanessa Fort.

Agradecimento à Fundação SM e ao Instituto Singularidades que nos apoiam na criação desta série de livretos, ambos realizadores de um trabalho precioso para transformar a educação no Brasil.

Agradecimento a você que se aproximou desta publicação, nosso sonho é que essas palavras sejam nutrição para sua ousadia.



